

O especialista conta que, assim como os atletas, os gramados também precisam de um intervalo entre um jogo e outro para a recuperação. “Mas, infelizmente, grama e jogadores ainda convivem com um calendário irracional, que leva, ao longo da temporada, a lesões nos profissionais e queda de qualidade dos campos”, observa.

Segundo Azeredo, que também é sócio da Greenleaf (empresa parceira da Itograss), todo final de ano, quando os campeonatos terminam, é feito um processo de revitalização por cerca de 30 dias. “Isso é necessário devido ao desgaste do gramado, que sofre por causa da quantidade de jogos”. O ideal é que tenha no máximo 60 jogos por ano.

MANUTENÇÃO

O coordenador de marketing da Trapp, Fernando Carvalho, diz que a manutenção compreende corte, fertilização e aeração. “É fundamental aparar corretamente. Um gramado debastado à altura correta e no momento adequado torna-se muito resistente a ervas daninhas, doenças e pragas.” A frequência depende de três fatores: tipo de grama, época do ano e regime de regas e adubação.

O equipamento ideal para a atividade é o minitrator cortador de grama, devido à alta produtividade e ao corte homogêneo. “Ela ficará como um tapete, com todas as folhas atingindo a mesma altura. Mas um cortador à gasolina também pode ser usado, tendo o mesmo resultado, embora com menor produtividade”, afirma Carvalho.

O sócio-diretor da Regatec Sistemas de Irrigação, Danny Braz, lembra que gramas gostam de sol e calor, e que pouca água é ruim, mas em excesso é pior, pois há maior risco de incidência de fungos e doenças. Além disso, a irrigação é estabelecida de acordo com a região do País, pois cada uma tem demanda hídrica diferente, chamada de evapotranspiração (ET), que é a evaporação direta da água da superfície acrescida da transpiração das folhas das plantas. “De acordo com as características climáticas da localidade, temos uma ET diferente. Uma peculiaridade marcante das arenas é o sombreamento: a entrada de luz é diferente em cada estádio, o que gera maior ou menor número de horas de radiação solar no gramado. Isso também afeta a quantidade de água a ser aplicada”, define o engenheiro agrícola e gerente geral da Rain Bird, José Giacoia Neto. O raciocínio é o mesmo para o gramado residencial, só que em menor escala.

Como as coberturas dos estádios criam áreas sombreadas de maneira variada ao longo do ano, a automação acaba sendo mais sofisticada. “Devido ao padrão da Fifa, cada aspersor tem comando individual, para atender às divergências criadas pelo sombreamento, que muda conforme o período. Na maioria dos estádios, foram instalados aspersores modelo 8005, da Rain Bird, com camisa de inox (são cerca de 45 por arena). As tubulações são de polietileno e as bombas, de rotação variável”, revela Braz.

Logo, os sistemas automatizados tornam a manutenção mais eficiente, garantindo a quantidade e a regularidade de rega ideais: a área com maior incidência de sol recebe mais água. “Existe a possibilidade de irrigar à noite, sem interferir no uso do gramado. Ou ainda, em caso de geada, programar uma rega curta para as 5 horas, apenas para derreter o gelo”, ressalta Braz. Outro destaque da automação, especialmente nos novos estádios, é que ela facilita a irrigação várias vezes ao dia. ■



Sistemas automatizados garantem a quantidade e a regularidade de rega ideais para cada gramado, tornando a manutenção mais eficiente